

**O VENENO DA LÍNGUA DO DEUS: LOKES SMÄLDELSER (OS INSULTOS DE  
LOKI), DE JOHAN AUGUST STRINDBERG, 1883.**

**THE POISON OF GOD'S TONGUE: LOKES SMÄLDELSER, BY JOHAN AUGUST  
STRINDBERG, 1883.**

*Glezia Alves de Melo*<sup>1</sup>

*Vitor Bianconi Menini*<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente estudo propõe uma tradução do poema Lokes Smældelser de Johan August Strindberg do sueco para o português. Inserimos uma contextualização do dramaturgo e do poema seguida da análise da fonte literária, especialmente de um ponto de vista literário sincrônico (elementos do romantismo e nacionalismo sueco) o qual se permeia em meio ao século XIX.

**Palavras-chave:** Loki, Strindberg, Recepção Literária, Romantismo, Nacionalismo.

**Abstract:** This study proposes a translation of Johan August Strindberg's poem "Lokes Smældelser" from Swedish into Portuguese. We provide a contextualization of the playwright and the poem, followed by a brief analysis of the literary source, particularly from a synchronic literary perspective (elements of Swedish Romanticism and nationalism) that permeates the mid-19th century.

**Keywords:** Loki, Strindberg, Literary Reception, Romanticism, Nationalism.

### **Introdução**

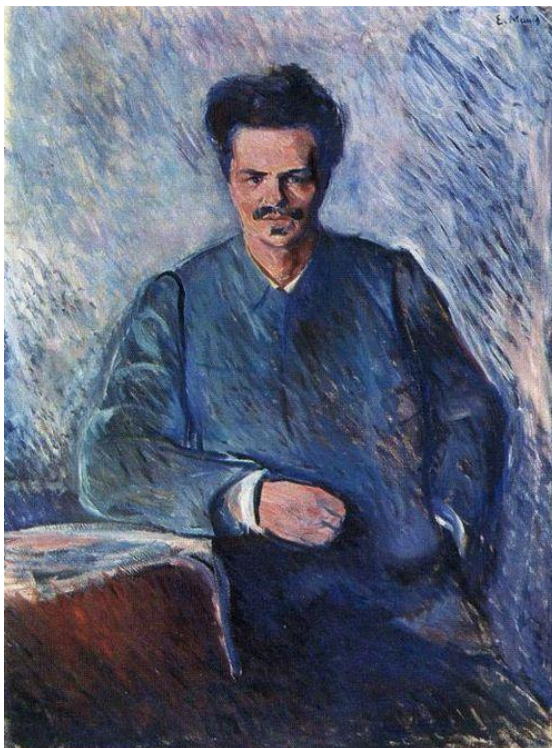
Johan August Strindberg (Estocolmo, 22 de janeiro de 1849 – Estocolmo, 14 de maio de 1912) foi um dramaturgo considerado uma peça primordial na literatura escandinava, frequentemente aclamado como o “pai da literatura sueca moderna”. Fora das fronteiras da Suécia, seu nome ecoa principalmente nos palcos teatrais, mas em seu próprio país ele é celebrado como um artista multifacetado: poeta, pintor, ensaísta e romancista. Strindberg ficou

---

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestre em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Graduação em Psicologia (Psicanálise) pela UniNassau. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0726-5522>. E-mail: [gleziaalvespsi@gmail.com](mailto:gleziaalvespsi@gmail.com)

<sup>2</sup> Bacharel e Mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente cursa doutorado na mesma instituição e é membro do Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6559-4204>. E-mail: [meninivitor@gmail.com](mailto:meninivitor@gmail.com)

conhecido como um ensaísta, romancista, contista e escritor dos palcos teatrais (Schulz, 2009, p. 97-134).



**Figura 1:** Retrato de August Strindberg, Edvard Munch, Óleo sobre a tela, altura: 122 cm; largura: 91 cm, Moderna Museet Stockholm 1892. A figura central é um homem (August Strindberg, escritor sueco) está em posição frontal, com olhar penetrante e expressão séria. Strindberg está com um dos braços apoiado sobre a mesa, o que dá firmeza à sua postura. O fundo é formado por pinceladas vigorosas, criando uma atmosfera energética e intensa. Munch e Strindberg tiveram uma relação intelectual intensa, marcada por afinidades estéticas e por tensões. O retrato pode ser lido como uma síntese do espírito inquieto de Strindberg, visto por Munch através de sua estética expressionista. A obra dialoga com o movimento simbolista e expressionista, privilegiando a subjetividade e a carga emocional da figura sobre a representação fiel da realidade. A pintura não é apenas um retrato de Strindberg, mas uma expressão visual de sua personalidade complexa e turbulenta.<sup>3</sup>

A relação entre Strindberg e Munch foi bastante complexa e marcada por uma intensa admiração mútua, rivalidades e influências artísticas. Esses acontecimentos aconteciam principalmente no período em que ambos frequentavam o círculo boêmio café: *Zum Schwarzen Ferkel* – O porquinho preto em Berlim na década de 1890. Ambos fizeram uma amizade íntima e em 1892, quando a exposição de Munch foi abruptamente encerrada por críticas conservadoras. Esse escândalo catapultou a fama de Munch e o inseriu no círculo de artistas e

---

<sup>3</sup> (Prideaux, 2007, p. 16-18).

intelectuais de Vanguarda liderado por Strindberg no café em que eles se reuniam. A obra de Munch estava inserida em temáticas sobre o amor, a ansiedade, a morte, aprofundou-se em imagens de ciúmes, traições e conflitos entre os gêneros após sua aproximação com Strindberg. O dramaturgo possuía uma visão mais misógina inspirando o trabalho artístico do norueguês a uma espécie de temas carregados pelo sombrio e predatório como no quadro *Amor e dor*<sup>4</sup> (1893-1895) (Prideaux, 2007, p. 18-20).

Na sua época, foi um dramaturgo de grande influência para a literatura escandinava. Strindberg foi nomeado como o pai da literatura sueca moderna mesmo fora das fronteiras. Ao longo de uma carreira que atravessou cerca de quatro décadas, Strindberg produziu uma avalanche de criações: mais de trinta romances carregados de tensão, sessenta peças teatrais, obras históricas, autobiografias corajosas, ensaios políticos provocativos e análises culturais de cortar a respiração (Bampi, 2009, p. 181-196).

Sua escrita foi um laboratório de experimentos: do melodrama ao realismo cru, do histórico ao surreal, do trágico ao naturalista. Mas foi em 1881, com a estreia de "Master Olof" no "New Theatre", que Strindberg realmente explodiu como uma força inovadora no cenário teatral. Ele embaralhou as cartas do drama europeu, misturando naturalismo com profundos mergulhos na psicologia humana, ajudando a pavimentar o caminho para o expressionismo. Nos anos 1890, Strindberg viveu um período errante no exterior, mergulhando de cabeça nas ciências ocultas e flertando com o misticismo. Essa fase o levou a um colapso nervoso e internação, mas, como toda boa fênix, ele renasceu das próprias cinzas (Robinson, 1986, p. 1-21).

Johan August Strindberg<sup>5</sup> veio ao mundo como o quarto dos oito filhos de Carl Oscar Strindberg, um agente de transporte e Eleonora Ulrika Norling, uma garçonete de espírito simples. Desde cedo, sua vida foi marcada por um cenário de carência material, instabilidade emocional e uma rígida educação religiosa, conduzida com mão de ferro por sua avó. Esses

---

<sup>4</sup> Munch, Edvard. [amor e dor]. 1893-1895. Pintura: tinta à óleo em tela.

<sup>5</sup> O escritor sueco August Strindberg (1849-1912) foi uma das figuras mais marcantes da cultura europeia da virada do século XIX para o XX. Um autorretrato de seu conturbado tempo; teve uma vida de muitos casamentos, exílio, polêmicas, crises psicóticas e revelações místicas - um cristão conservador amado pelos socialistas, e um progressista odiado pelas feministas. Sempre um leitor voraz, que se interessou por assuntos diversos como filosofia, química, botânica, pintura e fotografia. Abandonou a universidade, tentou a carreira de ator, jornalista, e se embrenha tardiamente na alquimia - mas é como escritor que encontrará seu caminho (Rabelo e Camargo, 2019).

anos turbulentos da infância ganharam, mais tarde, forma literária em sua autobiografia "Tjänstekvinnans son" (*O Filho da Serva*) (Schulz, 2009, p. 97-134).

Ainda menino, Strindberg encontrou refúgio em três paixões precoces: a fotografia, as ciências naturais e a religião. Entre mudanças de endereço – primeiro para Norrtullsgatan, depois nas imediações de Sabbatsberg, e posteriormente de volta a Norrtullsgatan – o jovem August via sua infância se desdobrar como um tabuleiro instável. Sua passagem pela escola em Klara foi especialmente amarga, uma experiência que, segundo ele próprio, continuaria a assombrá-lo mesmo na vida adulta (Robinson, 1986, p. 1-21).

Strindberg como poeta e dramaturgo do Oitocentos manteve sua postura voltada para sua crítica pessoal à Suécia e a política instaurada na época: os mitos nórdicos apresentariam uma forma de expressar seus anseios como mensagem social assim como a utilização dos mitos em atos coletivos. A partir do poema *Lokasenna*, houve uma criação poética escrita revolucionária. A liberdade de opinião era algo ansiado por Strindberg em seu auge literário e, através do poema "*Lokes Smädelser*", conseguiu transmitir um pouco de sua divergência em meio às opiniões da época (Bampi, 2009, p. 181-196).

A então formada Sociedade Gótica em meio aos seus objetivos em despertar interesse às pessoas, não pensava em despertar mortos, mas fomentar esperança e com a ajuda de memórias e das tradições dos povos, reconstituir o caráter dos indivíduos. Portanto, alguns escritores como Geijer pensavam – sob a influência da filosofia romântica – que a saga heróica nórdica era essencialmente trágica, carregando sua própria queda dentro de si. Apesar dessas reservas, o programa literário foi muito bem-sucedido. A mitologia nórdica veio a interessar poetas como Atterbom e Ling cada vez mais 1808 (Bo Gradien, 2018, p. 469-503).

Geijer retomou também uma ideia, influenciado por mitólogos especulativos de sua época, como Grundtvig e Schelling de que a imaginação nórdica tinha, por natureza, um caráter não criador, mas destrutivo. Para ele, o mito nórdico mostra que o mundo dos deuses caminha para a destruição, o que significa que se dissolve em poesia e reflexão profunda, em vez de se converter em um universo passível de visualização concreta. Além disso, Geijer considerava que as divindades nórdicas eram retratadas de forma demasiado vaga na literatura, o que dificultava dar-lhes “carne e sangue” numa representação artística. No entanto, observava ele – talvez inspirado por Jens P. Møller, que havia defendido ideias semelhantes em 1812 – quando certos detalhes concretos surgiam, podiam levar o artista ao

desespero: como no caso do Odin de um só olho ou do cavalo Sleipnir com suas oito pernas<sup>6</sup> (Bo Gradien, 2018, p. 469-503).

Diante disso, o poema encontra dentro de um cenário de comemoração entre um grande grupo de deuses ofensas ardilosas de Loki para com os deuses no salão de Aegir e, além disso, reconhecerá pontos importantes contidos na figura mítica de Loki a qual é cheia de alteridades, tamanhas ambiguidades e subversões em seus feitos nas passagens nas fontes. Com isso, podemos reconhecer que Loki tenha sido criado sob medida para alguém como August Strindberg (1849-1912). E, de forma surpreendente, dentro da vasta obra publicada de Strindberg, apenas três textos concedem espaço ao deus nórdico da travessura e do caos (Bampi, 2009, p. 181-196).

O primeiro deles é o poema satírico "*Lokes Smädelser*" ("Os Insultos de Loki"), lançado em 1883, onde Strindberg dá voz a um Loki desafiador, ácido, e deliciosamente anárquico. Depois, em 1906, ele publica o conto "*Sagan om Stig Storverks Son*" ("A Saga de Stig, Filho de Storverk"), a primeira novela histórica da coletânea "*Nya svenska öden*" ("Novos Destinos Suecos"). Por fim, também em 1906, surge o prólogo de um drama fragmentário, intitulado "*Starkodder Skald*", publicado na revista *Julqvällen*, um eco de um projeto inacabado, conhecido como "*Fornnordiskt Sagodrama*" "Drama de Saga Nórdica Antiga" (Schulz, 2009, p. 97-134).

Embora o número de textos seja modesto, o impacto foi tudo menos pequeno. Apenas com o poema "*Lokes Smädelser*", Strindberg conquistou, aos olhos de muitos, o posto de um "*Loki literário*" dentro da sociedade sueca de sua época. Naquele poema, o autor celebra Loki como o rebelde supremo, o anarquista por excelência, um espírito de ruptura pronto para demolir as estruturas e certezas do presente. Ao fazer isso, Strindberg criou uma leitura de Loki que dialogava com figuras como Prometeu ou Lúcifer, reposicionando o deus nórdico

---

<sup>6</sup> As oito pernas eram, com certeza, um esplêndido símbolo literal de velocidade, mas seria difícil tentar visualizar em uma obra de arte. A forma de arte menos adequada para visualizar assuntos da mitologia nórdica era a escultura, de acordo com Geijer, a razão é que, apesar de sua orientação romântica, ele estava tão profundamente enraizado em formas de pensar dentro do Classicismo que ele considerava a escultura como um tipo universal de arte que tinha como propósito representar o corpo humano de uma forma idealista. Portanto, não poderia ser dotada de características nacionais. Essa arte universal atingiu seu auge na escultura grega (Bo Gradien, 2018, p. 469-503).

como símbolo de resistência e insubordinação, especialmente dentro da literatura voltada à classe trabalhadora sueca (Bampi, 2009, p. 181-196).

Com a criação da Sociedade Gótica<sup>7</sup> existiram algumas mudanças importantes. A primeira delas foi o Renascimento Nórdico do século XVIII, e também, pelos Nacionalismos iniciados também no Oitocentos. As representações da Suécia no cenário político e social eram pequenas e com essas mudanças adotaram as ideias liberais francesas anteriores no século passado. Ocorreu uma mudança de política territorial na expansão dos seus territórios e dando um suporte político à Inglaterra e como consequência entrou em conflito com a Dinamarca e Rússia em 1808 (Bo Grandien, 2018, p. 469-503).

Um poema significativo para os Suecos foi *Vikingen (O Viking)*, de Erik Gustaf Geijer (1783-1847), decisivo para a construção das representações românticas e dos estereótipos modernos sobre os povos nórdicos. Historiador, músico, poeta e professor de História na Universidade de Uppsala, Geijer transitou do conservadorismo ao liberalismo político e liderou a *Götiska Förbundet (Sociedade Gótica)*, dedicada à valorização do passado nórdico por meio de atividades culturais e da revista *Iduna*. Nesta, publicou em 1811 *Vikingen*, obra central na difusão do imaginário do “nórdico aventureiro”. A primeira edição da *Iduna*, majoritariamente escrita por Geijer, destacou a importância da memória histórica e das tradições como fundamentos da identidade nacional sueca, concebendo a comunidade e a herança mítica como bases para o desenvolvimento do indivíduo Langer e Menini (2020, p. 709-737).

Um outro passo muito significativo foi a criação de material da mitologia nórdica bastante popular na Suécia<sup>8</sup> ao longo do século XIX; para os seguidores do movimento

---

<sup>7</sup> Em Estocolmo, vários jovens acadêmicos, funcionários públicos e oficiais possuídos por esse pensamento formaram uma associação chamada *Göthiska förbundet* ('Sociedade Gótica'). As regras eram, com certeza, meio jocosas no começo, cada membro assumindo o nome de um herói de saga nórdica. Mas o objetivo era sério: Devolver à Suécia sua autoconfiança e despertar o país da paralisia que quase levou à perda da independência. O declínio começou durante o tempo em que as grandes memórias nacionais caíram no esquecimento. Mas não era a Idade Média que precisava ser despertada; em vez disso, mais uma vez era o passado nórdico pré-cristão. É por isso que a liga se referia à formação dos ideais 'góticos' no século XVII, e mais uma vez os velhos guerreiros foram chamados do passado nebuloso da Escandinávia (Bo Grandien, 2018, p. 505-507).

<sup>8</sup> Outro ponto primordial retrata a Suécia como uma grande potência na Europa. Portanto, era importante para a nova grande potência legitimar tanto sua posição quanto seu caráter marcial. Assim, era necessário construir um passado para ela que fosse tão distinto quanto possível. Ou, como o historiador e poeta Erik Gustaf Geijer expressou o assunto em 1825: “*Odödliga bedrifter, som skulle göra*

neogótico (que floresceu com a fundação da Götiska Förbundet “A Liga Gótica” em (1811), era uma abordagem programática. Em 1870, treze anos antes da publicação do poema “Lokes Smädelser”, o próprio Strindberg fundou a associação de orientação gótica “Förbundet Runa” (“Liga Rúnica”), na qual os irmãos da fraternidade se atribuíam nomes rúnicos no estilo da época (Schulz, 2009, p. 97-134).

Poetas como Esaias Tegnér e Erik Gustaf Geijer faziam parte da sociedade e foram decisivos para dar força ao movimento. No periódico da instituição, foram publicados diversos de seus notáveis poemas inspirados na tradição nórdica antiga – entre eles *Odalmannen* e *Vikingen*, de Geijer, e a obra patriótica e elaborada *Svea*, de Tegnér, além de trechos de sua saga *Frithofs*, o ciclo poético que se tornaria extremamente popular ao longo do século XIX, tanto na Suécia quanto no exterior, em especial na Alemanha. Apesar disso, Tegnér mantinha reservas quanto ao valor da mitologia nórdica na poesia moderna, questionando se uma religião com dois milênios de existência poderia ser adequadamente ajustada ao espírito de sua época (Bo Grandien, 2018, p. 469-503).

Retornando à mitologia, o Ás do panteão nórdico, causador das querelas entre os Ases serviu de inspiração para a poesia de Strindberg. Suas inspirações ideológicas flertavam com toda e qualquer ideia que pudesse ser percebida como oposta. No poema escrito em 1883, Strindberg irradia uma ideia advinda da escolha do narrador por um personagem mítico controverso: Loki, o deus nórdico antigo causador dos enganos e das discórdias dos Ases. Strindberg não poderia ter selecionado uma figura mais fascinante e contraditória para dar voz ao seu poema. O opositor por excelência, o mestre da ambivalência, uma entidade cuja relação com os demais deuses sempre foi marcada pela dúvida e pela desconfiança (Bampi, 2009, p. 181-196).

Essa posição de eterno estrangeiro, de elemento incômodo no tecido divino, tem raízes profundas já na genealogia de Loki. Enquanto nos mitos nórdicos é comum que deuses se envolvam com gigantes, o caminho inverso – filhos de gigantes com deusas – é um verdadeiro tabu cósmico. Loki, claro, desafia essa lógica. Seu pai é o gigante Farbauti, e sua

---

*samtidens beundran, syntes fordraen ej mindre lysande forntid* (“Fatos imortais, destinados a despertar a admiração dos contemporâneos, pareciam ansiar por um passado não menos brilhante”). Uma maneira adequada de elevar a Suécia aos olhos dos outros era afirmar que houve uma vez uma conexão estreita entre os países nórdicos e a antiguidade clássica: Erik Gustaf Geijer, *Svea rikets hävder* (Landqvist, 1923, p. 31).

mãe, Laufey, é geralmente interpretada como uma deusa – caso contrário, seria difícil explicar sua entrada oficial no círculo dos deuses (Schulz, 2009, p. 97-134).

Sua presença no panteão é, portanto, quase uma anomalia mitológica, uma filiação forçada, "fabricada" pelos próprios fios tortuosos da narrativa nórdica. Esse caráter ambíguo é reforçado pela famosa "irmandade de sangue" entre Loki e Odin, mencionada no *Lokasenna*: um pacto forjado nos primórdios dos tempos que, ao invés de solidificar laços de lealdade, parece ter apenas aprofundado as tensões (Bampi, 2009, p. 181-196).

Ao longo dos mitos, Loki mantém com os deuses uma relação de constante atrito e dependência. Ele é, muitas vezes, tanto o causador quanto o solucionador de seus problemas: cria o caos, mas também oferece as saídas. Uma espécie de arquiteto da crise e da redenção, numa dança cíclica de sabotagem e reparação. No entanto, há um limite para tudo – até para a elasticidade moral dos deuses. O pecado irreparável de Loki, aquele que sela seu destino como inimigo definitivo, é o papel decisivo que desempenha na morte de Balder, o deus amado por todos (Schulz, 2009, 97-134).

A partir dessa primeira apresentação, traremos a tradução e a análise do poema *Lokes Smädelser* de Johan August Strindberg (1883):

### Tradução<sup>9</sup>

Johan August Strindberg <i>Lokes Smädelser</i>	Tradução: Vitor Bianconi Menini Os insultos de Loki
Tidens gudar, som jag smädat,	Os deuses do tempo, que insultei,

<sup>9</sup> Preferimos empreender uma tradução interpretativa, mais ou menos livre, do texto de Strindberg. Levando em consideração a dificuldade em manter a estrutura de rimas suecas (em especial as métricas utilizadas pelo dramaturgo), preferimos adaptar o texto da melhor forma possível para o português. Além disso, toda a análise presente no artigo ajuda a compreendermos de forma a mais. Como ferramenta, utilizamos o *Svenska Akademiens Ordböcker* – em especial o SAOB – que contém o levantamento histórico de mais de 500.000 vocábulos suecos (ver: <https://svenska.se> último acesso em 28/06/2020). Por fim, também fizemos o cotejamento com as traduções francesa e inglesa e referenciamos essas escolhas ao longo das notas posteriores. Direção semelhante na tradução de *Vikingen* de Erik Gustaf Geijer, ver: LANGER, Johnni; MENINI, Vitor. A invenção literária do nórdico: *Vikingen* (O Viking), de Erik Gustaf Geijer (1811). *Scandia Journal of Medieval Norse Studies* n. 3, 2020, pp. 709-738 (ISSN: 2595-9107). Dossiê: Traduções - Vikings e Mitos Nórdicos na recepção literária ocidental, 1750-1900.



<p>Smäda vill jag än en gång ! Tidens gudar, som jag hädat, Häda vill jag i en sång!</p> <p>I han makten, jag har ordet, Jag har ordet i min makt; Tretton ären I vid bordet;</p> <p>Det betyder, har man sagt, Dödsfall, ofall, onda tider: Gudar tagen er i akt, Ty hvad rättnu tiden lider: Gudar, varen på er vakt !</p>	<p>Insultá-los quero mais uma vez! Os deuses do tempo, que blasfemei, Blasfemá-los quero em uma canção!</p> <p>Ele tem o poder [e] eu a palavra. Tenho a palavra em meu poder; Treze são vocês à mesa;</p> <p>Isso significa, como se disse, Morte, infortúnios, tempos maus: Deuses, fiquem atentos, Pois os tempos são graves: Deuses, estejam em guarda!</p>
<p>Det är sant, jag fordom sutit Vid ert gudabord som gäst;</p> <p>Sedan bindeln väl I knutit, Släpad blef jag till er fest. Derför ock, hvad I förbrutit, Känner Loke kanske bäst !</p> <p>Vämjdes jag vid fyllda faten, Af ert vin jag ej blef glad, Och er sång tog smak af maten Men var tunn som kittelns spad. Gudar, derföre I haten Loke, som ert lof ej qvad!</p>	<p>É verdade, já me sentei À vossa mesa divina;</p> <p>Depois, quando o véu fora bem amarrado, Para vossa festa fui arrastado. Assim, o que fizestes, Talvez Loki conheça melhor!</p> <p>Desprezei os pratos cheios, De vosso vinho não me senti feliz, E vosso canto que tinha gosto de comida era ralo como caldo de panela. Deuses, é por isso que odiais Loki, que não cantou vosso louvor!</p>



<p>Nej, jag vill ert lof ej qvåda Icke sjunga för er mat, Nej, jag vill er hellre häda Med mitt stora, sköna hat !</p> <p>I han sträckt min bål på bergen, Och bland isar redt min graf, Se'n den lille lömske dvergen Skurit mina senior af.</p>	<p>Não, eu não cantarei vosso louvor, Nem cantarei por vossa comida, Não, eu prefiro blasfemar contra vós Com meu grande e belo ódio!</p> <p>Ele[s] estenderam meu corpo nas montanhas, E entre geleiras preparei meu túmulo, Depois que o pequeno e traiçoeiro anão Cortou meus tendões.</p>
<p>Fast I bundit mina händer Och min fot i jernet smidt; Fast I brutit mina tänder Än min tunga smädar fritt.</p> <p>Jag er hemlighet förrådde, Gudar, det var allt mitt brott! Och min tunga dock er nådde In i era fasta slott.</p> <p>Jag förrådde era funder Och er falska helighet; Trodde ej på era under, Ej på er odödlighet.</p> <p>Derför Loke ock af eder Nämnes främst bland smädare; Det han räknar sig till heder Han förrådt förrädare!</p>	<p>Embora tenham amarrado minhas mãos E forjado meu pé em ferro; Embora tenham quebrado meus dentes Minha língua, solta, ainda blasfema.</p> <p>Eu traí vossos segredos, Deuses, foi todo o meu crime! E minha língua, ainda, vos alcançou Dentro de seus fortes castelos.</p> <p>Eu traí seus pensamentos E sua falsa santidade; Não acreditei em seus milagres, Nem em sua imortalidade.</p> <p>Por isso Loki também entre vocês É citado entre os principais blasfemadores; Pela honra ele clama</p>



<p>När den svage straffar styrkan, Då nämns straffet hämd; Jag ej våldet gaf min dyrkan, Hämd min bragd är därför nämnd.</p> <p>Väl! Jag hämnats då, I gudar, Jag har hämnats, hören det! Jag har slitit era skrudar, Visat fram er nakenhet!</p> <p>Eder gudstjenst jag föraktat, Edra stoder slagit kull, Och den gyllne kalfven slagat För att se om den var mull.</p> <p>Jag har rifvit templets murar, Jag har brutit altarskrank, Jag har öppnat stängda burar Jag har störtat murkna plank.</p>	<p>Ter traído o traidor!</p> <p>Vingança se chama o ato; Quando o fraco pune o forte, Eu não adorei à violência, Então vingança foi meu feito.</p> <p>Bem! Eu me vinguei, ó deuses, Eu me vinguei, ouçam isso! Eu rasguei suas vestes, Revelei sua nudez!</p> <p>Desprezei o vosso culto, Derrubei os seus altares, Matei o bezerro de ouro Para ver se ele estava decomposto.</p> <p>Eu demoli as muralhas do templo, Eu quebrei os altares, Eu abri gaiolas trancadas Eu derrubei tábuas apodrecidas.</p>
<p>Jag har hämnats, gudasköka, Hämnats all min ungdoms ve, Då jag tvangs för dig att röka Och du bröt mig ner på knä!</p> <p>När jag sanningen fick slunga I ert anlet, gudapack,</p>	<p>Eu me vinguei, deusa, Vinguei toda miséria de minha juventude, Quando fui forçado a fumar por ti E você me colocou de joelhos!</p> <p>Quando lancei a verdade Em seu rosto, bando de deuses,</p>



<p>Då er himmel syntes gunga Och er gamla skottmur sprack.</p> <p>Gudakärngar, gudagubbar, Ränna yra efter skygd, Hängsla byxor, knyta stubbar För att dölja skrumpen blygd.</p> <p>Styrkan letar sina lansar, Skönhet plockar fikonlöf, Dygden tar sitt gyllne pansar, Rätten gör sig blind och döf.</p> <p>Lögner går till dikets renar Fångar ormar i dess dy, Binder dem i bergets stenar Att i Lokes anlet spy.</p> <p>Och nu ligger Loke bunden: En mot hundra var hans sätt, Men i lumpna gudarunden Skrikes dock om oförrätt.</p> <p>Bunden ligger han på hällen, Men hans tunga än är fri, Och de gamla gudaskrällen Darra ännu vid hans skri.</p> <p>Ty i smärtans långa nätter, Makan vid hans hårda bädd,</p>	<p>Então o vosso céu pareceu balançar E rachar vossas muralhas anciãs.</p> <p>Deuses queridos, deuses velhos, À solta em busca de abrigo, Amarram calças, atam troncos Para esconder sua murcha modéstia.</p> <p>A força procura suas lanças, A beleza apanha folhas de figueira, A virtude veste sua armadura dourada, A justiça se faz cega e surda.</p> <p>A mentira vai para os cervos do fosso Cata cobras em seu pântano, Amarra-as nas pedras da montanha Para cuspir no rosto de Loki.</p> <p>E agora Loki está amarrado: Um contra cem eram os seus modos, Mas no círculo de deuses esfarrapados Ainda há gritos sobre injustiças.</p> <p>Amarrado ele fica na pedra, Mas sua língua ainda é solta, E os velhos deuses Ainda tremem ao seu clamor.</p> <p>Pois nas longas noites de dor, A esposa ao seu duro leito,</p>
---	---



<p>Ställer sig för ormens etter, Räcker bägarns svala bredd.</p> <p>När då lömska ormar måtta Sina hugg mot hennes bröst, Då hörs Loke ej bespotta, Men som stormen blir hans röst.</p> <p>När han riste sina bojor, Det i bergens hållar skrall, Och i borgar och i kojor Menskor vänta verldens fall.</p> <p>Då hör Loke upp att smäda, Men ur mörka ögonvrån Blixtar ljunga, fräsa, sveda, Och han ropar på sin son.</p> <p>Midgårdsormen, verldsförstörarn Rasslar då med fjellig kropp, Stjerten rörs af verldsförgörarn Ner vid Wolgas vilda lopp.</p> <p>Och det prasslar och det brakar I Wolchonskyskogens snår,</p>	<p>Se põe diante do veneno da serpente, Estende a borda do cálice frio.</p> <p>Quando as traiçoeiras cobras atacam As mordidas contra seu peito, Então Loki não é ouvido zombando, Mas como a tempestade, sua voz se torna</p> <p>Quando ele sacudiu suas correntes, Ecoando nos picos das montanhas, Nos castelos e nas cabanas, As pessoas aguardaram a queda do mundo.</p> <p>Então Loki para de insultar, Mas da escuridão dos cantos dos olhos Relâmpagos brilham, chiando, queimando, E ele grita pelo seu filho.</p> <p>A serpente de Midgard, destruidora de mundos, Ressoa em seu corpo escamoso, Sua cauda se move com o destruidor do mundo Para o curso selvagem do Volga.</p> <p>E estala e estremece Na densa mata de Wolchonsky,</p>
---	---



Och i Pyrenées det knakar,  
Der hans buk i ringlar slår.

Men med bröstet argt han piskar  
Seine, en gammal helig flod ,  
Från hvars stränder än det hviskar  
Om förlossning och om blod.

Men hvar ormen hufv'et döljer,  
Fege gudar, frågen I.  
Framtid evigt nutid följer,  
Svaret skall er forntid bli.

Ty när han sitt hufvud reser,  
Gudar, då är tiden all ,  
Hören I då ormen hväser,  
Svårt är ej att spå ert fall!

Då går branden öfver verlden,  
Bränner allt som brännas bör,  
Skedar guld det ifrån färden,  
Men hvad lefva skall, ej dör.

Och den gamla torra jorden,  
Nu i fruktbar aska bytt,  
Och af elden renad vorden,  
Aflar, föder fram på nytt.  
Då i evigt gröna lunder  
Vandrar fri en nyfödd slägt,  
Villad ej af gudafunder

E nos Pirineus range,  
Onde seu ventre se contorce.

Mas com o peito irado ele açoita  
O Sena, um antigo rio sagrado,  
Das suas margens ainda sussurram  
Sobre libertação e sangue.

Mas onde a serpente esconde a cabeça,  
Deuses covardes, pergunta em vão.  
O futuro segue eternamente o presente -  
A resposta será seu passado.

Pois quando ela erguer sua cabeça,  
Deuses, então o tempo se acaba,  
Escutem então a cobra sibilando,  
Não é difícil prever a queda de vocês!

Então o fogo atravessa o mundo,  
Queimando tudo que deve ser queimado,  
Aconchegando o ouro na jornada,  
Mas o que deve viver, não morre.

E a velha terra seca,  
Agora transformada em cinza fértil,  
Purificada pelo fogo,  
Fecunda e renasce.  
Então, em bosques eternamente verdes  
Caminha livre uma nova linhagem,

<p>Som de forne andar bräckt.</p> <p>Då I ären döde alla,        Gamle gudars skrala ätt ;        Födde voren I att falla,        Då I ormens hufvud sett.</p> <p>Men vid era svarta bårar,        När I slutat edert lopp,        Loke eger inga tårar,        Blott sitt evigt uñga hopp.</p> <p>Sina smädelser han sände,        Störde eder gudar,        Ty han trodde på den Ende,        Ej på er han kunde tro.</p> <p>Öfver era grafvar ljudar,        Fridfullt som ifrån en vän:        Här I hvilen, Tidens Gudar;        Evighetens lefver än!</p>	<p>Que não se enganada por mistérios        divinos        Como os antigos espíritos quebrados.</p> <p>Então vocês todos estão mortos,        Velha linhagem dos deuses fracos;        Vocês nasceram para cair,        Quando viram a cabeça da serpente.</p> <p>Mas ao redor de seus leitos negros,        Quando vocês terminarem sua jornada,        Loki não derrama lágrimas,        Somente sua eterna esperança jovem.</p> <p>Seus insultos ele enviou,        Perturbou-vos, ó deuses,        Pois ele acreditava no Uno,        Em vocês ele não podia crer.</p> <p>Sobre seus túmulos [ele] ressoa,        Pacífico, como amigo:        Aqui descansam, Deuses do Tempo;        Mas a eternidade ainda vive!</p>
---	---

### Análise

“*Lokes Smädelser / Os insultos de Loki*” – Ecoa, em seu título a provocação expressa pelo Ás da Mitologia Nórdica: Loki, deus do engano, da ruptura, da ironia corrosiva e do caos aplicada ao modo de parecer como aquele que questiona e desestabiliza a ordem dos deuses.

Nessas primeiras estrofes encontramos uma referência aos deuses do tempo, ou seja, os deuses nórdicos ou a força que controla a vida. Como por exemplo podemos citar o destino, as estruturas de poder social e até mesmo uma determinada tradição. O eu-lírico não se deixa

submeter pelas imposições sociais ocupando um lugar de independência pela palavra: blasfemando, contrapondo ideias e insultando.

Em um primeiro trecho: “*Ele tem o poder [e], eu tenho a palavra*” expressa o poder de Loki com a desestabilização dos deuses através do domínio da linguagem (lábria). As ideias sejam elas verbais ou mentais são apelos de resistências, podem ser utilizadas para ferir, desafiar e revelar algo. Tentando pensar em um contexto político, social e até pessoal conseguimos perceber que mesmo não havendo um poder legítimo de alguém sobre alguma coisa, ainda assim, a linguagem pode ser utilizada como instrumento.

O detalhe “*Treze são vocês à mesa*” tem relação com o número 13, como um número simbólico que prediz acontecimentos relacionados ao negativo. Esse simbolismo pode nos lembrar que nem mesmo os deuses estão a salvo da iminência das tragédias – sugere que os deuses não estão salvos da imortalidade e da perfeição.

Desde a antiguidade, o número 13<sup>10</sup> tinha uma intenção voltada ao mau agouro. Filipe da Macedônia, tendo acrescentado sua estátua às estátuas dos Doze Deuses superiores, durante uma procissão, morreu em seguida em um assassinato em um teatro. Na última refeição de Cristo, podemos lembrar do seu encontro com os treze apóstolos no episódio da santa Ceia. A cabala retrata o número treze relacionado aos espíritos do mal. O 13º capítulo relacionado ao Anticristo e da Besta. De maneira geral, o número 13 é visto como um elemento excêntrico, marginal, errático, foge à ordem e aos ritmos normais do universo: do ponto de vista cósmico, é visto como algo malévolos. Portanto, não está harmonizado com a lei universal, ou seja, só pode ser cega e insuficiente: agita o cosmo, perturba o descanso; uma unidade perturbando o equilíbrio de variadas relações no mundo (Chevalier e Gheerbrant, 1988, p. 902-903).

Zeus é o décimo terceiro em um grupo, todavia, é o mais sublime e cheio de poderes. Esse é o caso de Zeus no cortejo dos deuses, no meio dos quais se assenta ou caminha, ou um

---

<sup>10</sup> Entre os astecas, o treze representa o término da série temporal. É associado ao número 52, século asteca (13 x 4), a ligação dos anos pela duração dos sóis. O primeiro e o quarto sol, que duraram 676 anos, são os mais perfeitos, pois contêm somente dois números: 13x52=676. Treze dias equivale à duração da semana asteca. Geralmente esse número terá uma aproximação ao recomeço de refazer algo como por exemplo no rochedo em que Sísifo precisa retornar da escalada ou das Danaides que após assassinarem seus maridos pela ordem do seu pai, Dánao, são castigadas a encherem uma jarra com furos, por onde a água voltava a sair (Chevalier e Gheerbrant, 1988, p. 902-903).

décimo terceiro, segundo Plantão e Ovídio: Zeus é descrito como distinto a todos os outros por sua superioridade. Ulisses, por sua vez, escapa de maneira quase que trágica pelo perigoso Cíclope e até mesmo pela feiticeira Circe. Chevalier e Gheerbrant, 1988, p. 902-903).

Assim como o 13, o número 9 é também considerado simbólico no mundo nórdico, é associado a nove passos dados por Thor, ‘a criança de Fiorgyn’, portanto, nesse combate, contudo, a serpente não tem vergonha alguma em relação ao confronto com o deus Thor (Melo, 2023).

Um outro ponto está referido aos “*Deuses, estejam em guarda!*” Nesse trecho, há uma expressão de Loki ao dizer que toda a verdade sofre no tempo ao esperar seu momento, mas a mentira utiliza a máscara de um poder inválido porque uma hora este será denunciado: alguém irá confessá-lo. É percebido um alerta para que não haja conforto diante de injustiças encobertas ou ilusões na sociedade. Há um apelo de resistência contra qualquer tipo de ordem absoluta, a palavra como poder, arma e força além de referenciar a previsão de que nada é estático, tudo muda, toda ordem pode ser caos.

Se formos pensar no verso [3] do *Lokasenna*, é perceptível seu objetivo central com os Aesir ao dizer: “Brigas e conflitos eu trarei para os filhos de Aesir e assim misturarei seu hidromel com malícia”. Os desígnios de Loki eram bastantes transparentes, ele tinha como objetivo causar conflitos entre os deuses por meio de sua astúcia e capacidade de argumentação, deixando os deuses sem respostas ou defesas para suas argumentações (Melo, 2023).

Em um tom de rebeldia amarga atrelado a forma como Loki expressa suas ideias no salão com os demais. Nesse trecho Loki relata que é um convidado indesejado entre os deuses: “*É verdade, já me sentei à vossa mesa divina*” - Essa participação não foi de honra, mas sim de imposição, ele foi levado para a festa sem que houvesse sua presença desejada de maneira legítima. Percebemos a nuance pessoal de não-pertencimento aos Ases, ele parece deslocado, não estando em um local seguro em que é acolhido e querido pelos demais. Podemos refletir esse traço de desenraizamento em situações cotidianas quando estamos em ambientes familiares, sociais, políticos e no caso de Strindberg, uma desconexão com seu país ou com a forma como eles pensavam politicamente, filosoficamente ou poeticamente também. Ele pode ser considerado um dissidente nesse contexto e, certamente, tentou utilizar do trecho discordante e inflamado de Loki para expressar os seus anseios.

O verso em que Loki despreza os pratos e o vinho dos deuses ocupa uma mensagem de rejeição dele aos deleites oferecidos pelos deuses. Ele não deixa com que sua vontade pelo banquete e sua harmonia coletiva o façam sucumbir pela aceitação social. Loki recusa a imposição, os padrões pré-estabelecidos, recusa a viver pelas aparências e as convenções sociais: o banquete, a festa, a aparência, o fingimento ou qualquer coisa que pareça mentirosa ou superficial ressoam como vazias como é dito na estrofe em que fala sobre “*ralo como caldo de panela*”, ou seja, a superficialidade humana imposta e vivenciada entre os deuses.

Quando Loki diz: “*Não, eu prefiro blasfemar contra vós / Com meu grande e belo ódio!*” Ele se mantém fiel aos seus ideais não aceitando negociações, nem o silêncio. O “*ódio*” não seria apenas o ressentimento, mas a luta pela liberdade, pela recusa da passividade e aceitação. Seria o inconformismo em cena, o direito de não se adaptar a algo que causa incômodo. Mais uma vez podemos perceber os incômodos de Strindberg nesse trecho.

Em uma mensagem final, há um preparativo de seu local de repouso, seu túmulo frio, relata a traição por um anão; O sentimento de isolamento e solidão é expresso nesse trecho, observa-se a dignidade dele consigo mesmo: escolhe morrer ou resistir de maneira dolorosa (frio da natureza) do que estar entre os deuses como cúmplice. A experiência nesses trechos retrata a recusa das normas sociais ou das posições sociais vazias as quais muitos se colocam. Logo retrata o enfrentamento, a lábia, a crítica a falta de verdade mesmo que traga dor, recusa e afastamento das pessoas.

Nesse outro trecho é memorado o seu castigo contido no *Völuspá* no *Skáldskaparmál*: “*amarrado minhas mãos*”, “*forjado meu pé em ferro*” – Mesmo em meio ao castigo e a punição a qual os deuses imputaram a ele, não importa! Loki não se calará! Mesmo que limitem o seu corpo com dor e sofrimento, no entanto, suas ideias, seus pensamentos e sua lábia continuam sobrevivendo de alguma maneira. Em situações de opressão, violência e voz (a verdade utilizada com as palavras) ainda assim, mesmo que seja o único limite de chance, ainda haverá a linguagem como apelo final.

No trecho 34 do *Völuspá*, é narrado o mesmo sofrimento de Loki retratando a mesma conjuntura do poema: “*Um prisioneiro ela viu prostrado/debaixo do arvoredo do caldeirão, /uma figura traiçoeira/o distinto Loki;/lá senta Sigyn, /não conseguindo de seu marido o prazer. /Queres saber mais – e o quê?*” (MIRANDA, 2018, p. 195-197).

Nesse trecho descrito podemos vincular a ideia de punição ou castigo ao poema de Strindberg pelo simples motivo de sua apropriação ao essencial ao mito e, ainda, realoca a linguagem do poema ao sentido simbólico expressando um Loki vingado, ou seja, apenas sendo o deus penalizado, mas também, como o deus resiliente, ou seja, mesmo em meio a dor dos reveses sofridos, consegue superar suas dores instintuais pela força da palavra que seria algo atrelado a sua consciência como uma forma de luz (ideias) advinda dos seus pensamentos trazendo como consequência sua superação ao sofrimento.

Nesse trecho, percebemos que Loki exprime desabafo como um segredo o qual foi quebrado: *“Eu traí o vosso segredo, Deuses, foi todo o meu crime!”*, podemos afirmar que no *Lokasenna*, há diversos segredos vindo à tona conduzindo os deuses e deusas a lugares desconfortáveis em todo o momento, especialmente quando ele fala do pacto de irmandade com Odin, as traições cometidas por algumas deusas, covardias de outros deusas, incesto, entre outros. O seu objetivo era desmascarar as mentiras, a falsa santidade dos deuses. Podemos ligar o trecho ao ato de denunciar instituições de poder sejam elas políticas, religiosas ou sociais. Além da denúncia dos crimes do dominador sobre o dominado.

Desmascarar os deuses e mostrar sua nudez expressam a mensagem de tirar o véu da mentira e da soberania e demonstrar que um poder não é soberano, perfeito e intocável de maneira contínua. O simbolismo do bezerro de ouro retrata que devemos atacar a idolatria, a adoração cega, devemos sobretudo, atacar a corrupção blindada que há por trás da alienação coletiva: *“para ver se ele estava em decomposição”* toda forma de idolatria seja lá o que for, torne-se uma maneira vazia e suja de viver algo. Podemos pensar que de alguma maneira os deuses possuíam segredos, códigos internos os quais eles não queriam que fossem expressos em público e apenas Loki conseguiu romper com as regras vigentes.

No trecho: *“Vingança se chama o ato/Quando o fraco pune o forte”*. Nessa afirmativa a linguagem, a força do poder verbal está ligada a vingança. A linguagem é o poder. Mesmo vindo de baixo, a vingança seria vista como justiça. Loki não concordava com a violência, mas nutriu dentro de si rebeldia contra ela. Se formos pensar em pessoas que estão sobre os sistemas de dominação e criticam essa forma de poder são denominadas como rebeldes, criminosas e vingativas, quando na verdade buscam justiça. No século XIX, os artistas, poetas, estudantes buscavam resgatar suas origens, seus deuses, suas ideias na arte, política, escrita,

podemos imaginar que a própria literatura buscava também seu lugar e sua expressão livre dos conceitos empregados na época.

Em outro trecho Loki afirma: “*abri gaiolas trancadas*”, “*derrubei tábuas apodrecidas*” Não contém apenas a destruição gratuita de algo, mas a necessidade de destruir as estruturas opressivas de opinião, libertar os aprisionados, derrubar o que não consegue manter o seu sustento devido a alienação imputada, o fim de um ciclo abre espaço para que um novo inicie. Loki interpreta um desconstrutor, ou seja, ele encara toda ordem hegemônica estabelecida mesmo pagando com sua própria punição. É visto seu espírito de criticidade e recusa em manter mentiras escondidas e prefere arriscar e ser dissidente na sua fala pelo revés de obter segurança e submissão.

Nessa parte do poema é percebido como uma apoteose (inclusão do Ás como importante junto dos deuses) além de uma visão sobre o futuro: a destruição do mundo antigo e da criação de algo novo.

Loki começa lembrando o sofrimento da juventude e o peso da submissão: “*quando fui forçado a fumar por ti / e você me colocou de joelhos*”. Essa metáfora funciona como um modo de opressão o qual cada indivíduo pode sofrer no decorrer de sua vida – regras impostas, sentimento de culpa, anseios sociais. Aqui, podemos pensar na resistência em aceitar que a vida de alguém ou suas opiniões em sociedade sejam escolhidas pela imposição de outras pessoas.

Em um outro trecho é demonstrada a vergonha dos deuses e a tentativa de protegê-los de alguma maneira: “*folhas de figueira*” ou “*armaduras douradas*”. É a exposição do ridículo do poder: quando confrontado pela verdade, ele se revela frágil, disfarçado de virtude, justiça ou beleza. Reflexivamente, isso nos lembra que muitas autoridades humanas, políticas, religiosas ou culturais – sobrevivem mais de aparência do que de conteúdo ou substancialidade.

Podemos também pensar em folhas de figueiras no trecho: A beleza apanha folhas de figueiras como uma referência às folhas da figueira de Adão e Eva, pois elas eram utilizadas como vestes em ambos após o pecado que cometeram e como consequência a expulsão do paraíso pelo feito. Já no século XIX, os artistas também se apropriavam das folhas como uma roupa protetora para cobrir suas partes íntimas em suas obras (Chevalier e Gheerbrant, 1988).

Loki, embora esteja amarrado e acorrentado “*amarrado ele fica na pedra*”, ainda mantém sua língua ativa ou empoderada. Suas palavras impactantes deixam claro seu teor de



convencimento que fariam com que nenhum dos deuses conseguisse apagá-las. Não importa o tamanho da sua dor, suas palavras não podem ser silenciadas ecoam de maneira tempestuosa abalando estruturas estáveis. Essa metáfora é bem sucinta: nossa resistência não pode ser medida pela força física, mas, pela oratória, pelo poder do discurso.

No *Skáldskarpamál* em suas respectivas seções: [8-16], [17-18], [18], [34-5], [35-6], [37-9], [39-40] e [56-7] reforçam a ideia do castigo no poema. Loki é conhecido como “amarrado” pelas entranhas do seu filho Nari ou Narfi.

No mito nórdico a Jormungand, é citada como uma das criações do Ás sendo responsável por uma das destruições e pela luta mais emblemática no Ragnarok. No poema, ela aparece associada a rios e regiões europeias (Volga, Sena, Pirineus), como se o apocalipse não fosse só cósmico, mas também histórico e político. O Volga (Rússia), o Sena (França) e os Pirineus (fronteira Ibérica) eram símbolos de agitações revolucionárias e transformações sociais no século XIX. Nesse sentido, a serpente carrega em seu simbolismo as forças sociais implacáveis como guerras, conflitos sociais, motins, os quais estariam ligados à decadência de tempos políticos - religiosos antigos. E ainda acrescenta em outra parte do trecho: “*O futuro segue eternamente o presente, A resposta será seu passado*”, reflete uma visão histórica: os deuses, ou seja, o poder estabelecido já carrega em si sua própria ruína. O mito vira metáfora da inevitabilidade da decadência das velhas ordens.

Se formos pensar no contexto sueco, esse tipo de poesia se insere no romantismo tardio e no debate entre a tradição religiosa e a modernidade. Ao associar Loki e a serpente ao futuro da humanidade, o poeta ecoa o sentimento de que a crise dos deuses é também a crise das instituições do século XIX: a igreja, a monarquia e os valores aristocráticos. A Europa em convulsão iluminista servia como espelho da própria necessidade de mudança interna na Suécia (Bo Grandien, p. 469-503).

A união de Loki com a serpente cósmica traz a imagem do Ragnarok, o fim do mundo dos deuses. Mas esse “fim” não é apenas destruição: é transformação. O fogo que consome tudo “*que deve ser queimado*” abre espaço para a terra fértil, para bosques verdes e para uma nova linhagem livre de mistérios divinos. Reflexivamente, é a metáfora de todo processo histórico ou existencial: a queda do velho é condição para o nascimento do novo.

Apesar de todo o ódio, o poema termina em tom quase sereno: Loki não tem lágrimas pelos deuses, mas guarda uma esperança eterna. Ele acreditava “*no Uno*” – não nos falsos

deuses do tempo, mas em algo maior, que atravessa ruínas e ressurge na vida renovada. Essa é a chave: o insulto não é gratuito, é um ato de fé no que ainda pode nascer.

Portanto, podemos considerar que o século XIX na Suécia foi marcada por um período de modernização e valores. A forma da religião Luterana se colocar na sociedade já não era tão legitimada como de costume. As críticas à sua rigidez, ao seu moralismo, e às autoridades eclesiásticas cresciam abruptamente. Além disso, o tempo crescia tanto com o Nacionalismo quanto com o Romantismo. Os intelectuais retornavam aos mitos, as sagas, com o objetivo de encontrar representações para sua identidade nacional assim como as ideias do Neoclassicismo. O cientificismo também entra em cena juntamente com a filosofia crítica para colocar em xeque os dogmas religiosos (Bo Grandien, p. 469-503).

Loki é por assim dizer, uma alegoria, um simbolismo transmutado das fontes antigas agora para um novo tempo. Ele é o arquétipo de um rebelde, crítico, marginal, dissidente. Sua língua é livre mesmo que ele esteja acorrentado pode ser lida como a voz dos poetas que às vezes se mantêm acorrentados em meio às censuras e pressões sociais. Essas alegorias míticas poderiam demonstrar a denúncia da hipocrisia vivida pela classe aristocrática de uma maneira diferente: através do simbolismo romântico da linguagem como resistência.

### Referências Bibliográficas

#### *Fontes primárias*

FAULKES, Anthony. *Edda Snorri Sturluson*. translated and Edited by Anthony Faulkeslang. University of Birmingham. Library: Everyman. 1995, pp. 1-164.

LARRINGTON, Caroline. *The poetic edda* - Translated with an introduction and notes by Caroline Larrington. Oxford. 2014.

STRINDBERG, Johan August, "*Lokes smädelser*" (1883) in: *Dikter på vers och prosa*. Stockholm. Albert bonniers förlag. 1883. pp. 35-44.

STRINDBERG, Johan August, "*Lokes smädelser*" (1883) in: *Dikter på vers och prosa*. Tradução de Vitor Bianconi Menini (2025).

### Referências Bibliográficas

BAMPI, Massimiliano. *Building up the ties with the past: August Strindberg and Starkaðr* - Studies in the Transmission and Reception of Old Studies in the Transmission and

- Reception of Old Norse Literature: The Hyperborean Muse in European Culture, ed. by Judy Quinn and Adele Cipolla, AS 6, Turnhout: Brepols: 2016. pp. 181-196.
- CHEVALIER, Alain; GEERBRANT, Jean. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1988. pp. 12-13.
- LANDQVIST, John. Erik Gustaf Geijer, *Samlade skrifter: ny ökad upplaga i tids-följd*. 13 vols. Stockholm: Norstedt, 1923-31.
- LANGER, Johnni; MENINI, Vitor. A invenção literária do nórdico: Vikingen (O Viking), de Erik Gustaf Geijer (1811). *Scandia Journal of Medieval Norse Studies* n. 3, 2020, pp. 709-738
- MELO, Glezia. *Aspectos de um Trickster? Um estudo comparativo da figura de Loki na Edda em Prosa e Edda Poética*. Dissertação de Mestrado em Ciências das Religiões, 2023.
- MIRANDA, Pablo Gomes. *Völuspá, a profecia da vidente: notas e tradução*. Scandia: Journal of Medieval Norse Studies 1, pp.178-206, 2018.
- PRIDEAUX, Sue. *Strindberg: A Life*, New Haven, CT: Yale University Press, 2012.
- PRIDEAUX, Sue. *Edvard Munch: Behind the Scream*. Yale University Press, 2007. pp. 17-61.
- ROBINSON, Michael. *Strindberg and Autobiography*. Norvik Press: London, 1986. pp. 1-51.
- ROSS, Margaret Clunies. (org.) *The Pre-Christian Religions of the North: Research and Reception*, Volume I: from the Middle Ages to c. 1830. GRANDIEN, BO. *Painting and Sculpture in Sweden*. Turnhout: Brepols Publishers, 2018. pp. 469-503.
- RABELO e RC de CAMARGO. *Três dramas históricos inéditos de August Strindberg»* Escola de Música e Artes Cênicas, 2019.
- SCHULZ, Katja. *Aufklärer, Revolutionär, Außenseiter — August Strindbergs Gedicht Lokes Smädelser*. In: Katja Schulz und Florian Heesch (Hg.), "Sang an Aegir": nordische Mythen um 1900. Heidelberg 2009 (= Edda Reception 1), 97-134.